



## **ALICE'S ADVENTURES IN WONDERLAND E SUA ADAPTAÇÃO CINEMATOGRAFICA: A RECEPÇÃO DAS OBRAS POR ESPECTADORES VIRTUAIS**

Gabriela Burgardt<sup>1</sup>

**RESUMO:** Esta apresentação objetiva demonstrar resultados parciais de pesquisa científica sobre tradução intersemiótica que teve como objeto de estudo o filme *Alice in Wonderland* (2010), dirigido por Tim Burton. Como base para esta produção cinematográfica, dois enredos literários do autor inglês Lewis Carroll foram agregados: *Alice's Adventures in Wonderland* (1865) e *Through the Looking-glass and What Alice Found There* (1872). Por esse fato, aliado à utilização da tecnologia 3D nas exibições em cinemas do mundo todo, o filme despertou atenção de público e crítica e tornou-se alvo do projeto que embasa esta comunicação. Sabe-se que é de senso-comum achar que uma tradução deve ser completamente fiel ao enredo que serve de fonte. Entretanto, Diniz (1999) afirma que diversos aspectos, como contexto histórico-cultural, visão de mundo, estilo e reputação dos autores do texto de partida e do traduzido, são responsáveis por uma transformação no texto-fonte que pode ser ainda maior no caso das traduções intersemióticas. Isso porque filmes exigem a utilização de signos não verbais, diferentemente de obras literárias que utilizam os verbais em sua composição. Nesse âmbito, a pesquisa visou responder a perguntas relacionadas à junção das duas obras em um único longa-metragem e sua aceitação ou, pelo menos, entendimento; à forma que as noções de "originalidade" e "fidelidade" podem interferir na recepção e/ou aceitação do filme adaptado; ao fato de as traduções serem vistas como forma de homenagem ou sobrevida das obras de partida; e ao uso da tecnologia 3D e sua colaboração na participação do espectador na história.

**PALAVRAS-CHAVE:** literatura; adaptação; cinema; recepção.

### **1 INTRODUÇÃO**

A tradução se faz cada vez mais presente e influente nas manifestações culturais e artísticas, haja vista a crescente globalização. De acordo com Derrida (2002), é possível classificá-la em três tipos: intralingual ou reformulação, a qual se mantém na mesma língua; interlingual ou tradução "propriamente dita", a qual se faz de uma língua a outra; e intersemiótica ou transmutação, na qual se muda o meio semiótico. Esta vem se tornando uma modalidade extremamente comum, devido ao fato de muitas pessoas preferirem

---

<sup>1</sup> Acadêmica do 5º ano de Letras Português/ Inglês na Universidade Estadual de Maringá (PR) e pesquisadora do Programa de Iniciação Científica da mesma. E-mail: [gabi-burgardt@hotmail.com](mailto:gabi-burgardt@hotmail.com)

assistir a filmes a lerem livros, o que pôde ser verificado com a pesquisa: dois dos entrevistados não haviam lido as obras literárias, mas nenhum havia deixado de ver o filme. Além do que “o cinema ganhou novo estatuto, tornando-se parte integrante do dia-a-dia” (GOROVITZ, 2006, p. 15).

Assim, tendo em vista que a adaptação cinematográfica *Alice in Wonderland* havia sido lançada há pouco tempo e gerava debates, tal filme foi tomado como objeto de pesquisa embasada pela leitura de textos teóricos acerca do tema. É válido ressaltar que o filme foi divulgado como sendo uma adaptação da primeira obra de Carroll (*Alice's Adventures in Wonderland*). Dessa forma, apenas tendo o conhecimento da segunda obra (*Through the Looking-glass and What Alice Found There*), algo não tão comum, poderia se perceber a fusão de ambas.

Após a escolha das obras (enredos literários de Carroll e filme adaptado de Burton) a serem analisadas e de estudo por meio do contato com referencial teórico e discussões, foram levantados questionamentos acerca da recepção dos textos literários e da versão para o cinema. Por isso, optou-se pela aplicação de questionários, como forma de pesquisa, com o intuito de responder às seguintes perguntas: 1) essa junção de duas obras em um único longa-metragem foi bem aceita ou, pelo menos, entendida por seus espectadores?; 2) de que forma as noções de “originalidade” e “fidelidade” podem interferir na recepção e/ou aceitação do filme?; 3) as traduções são vistas como forma de homenagem, ou até mesmo, de sobrevida das obras de partida?; 4) o uso da tecnologia 3D neste filme colabora com a participação do espectador na história?.

## 2 MATERIAL E MÉTODOS

Para realização da pesquisa, elegeu-se a internet como forma de alcance a um maior número de interrogados. Dessa forma, um perfil foi criado no site de relacionamentos “Orkut” e foi lançado um tópico em comunidades relacionadas às obras (enredos literários e filme) convidando os integrantes a participar da mesma.

Dois questionários foram elaborados e enviados por e-mail aos internautas que aceitaram o convite e passaram os endereços eletrônicos. Um possuía cunho sócio-econômico-cultural e, por meio de perguntas objetivas, visava analisar os hábitos e condições dos entrevistados bem como de sua família, entre outros. O outro apresentava perguntas discursivas sobre a tradução intersemiótica *Alice in Wonderland* e interrogava sobre a importância que os entrevistados dão à fidelidade de uma obra-fonte à outra traduzida, especialmente quando se muda o meio semiótico, tal qual o entendimento da junção das duas obras e a relevância ou não dada à utilização da tecnologia 3D nas exibições dos cinemas, entre outros aspectos.

## 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Por meio da análise dos questionários, principalmente o de perguntas abertas, pôde-se comprovar que ainda existem muitos mitos no encaixe da tradução. A partir de um total de doze questionários respondidos, verificou-se inicialmente que a literatura tem perdido público para o cinema, levando em conta que todos haviam visto o filme, mas dois respondentes não haviam lido os livros. Em contrapartida, constatou-se que a maioria

afirma preferir ler as obras literárias a ver os filmes provenientes delas, pois estes não se fazem, normalmente, fieis àquelas. De tal maneira, percebe-se que os textos literários carregam, ainda, um caráter de superioridade em relação às versões fílmicas, o que pode ser explicado pelo fato de que “a versão cinematográfica do romance neutraliza a atividade de composição própria da leitura” (ISER, 1999, p.61).

Comprovaram-se, em suma, quatro hipóteses: 1) a junção das duas obras em um único longa-metragem não foi bem aceita e, às vezes, nem foi entendida ou percebida por seus espectadores; 2) as noções de “originalidade” e “fidelidade” podem interferir negativamente na recepção e/ou aceitação do filme; 3) como teoriza Derrida (2002), as traduções são vistas como forma de homenagem, ou até mesmo, de sobrevida das obras de partida; 4) o uso da tecnologia 3D neste filme pouco colabora com a participação do espectador na história.



**Figura 1:** Ilustração do Chapeleiro Maluco no primeiro livro de Carroll.



**Figura 2:** Representação do mesmo, no filme de Burton.



**Figura 3:** Alice, nos livros, apresentada como criança



**Figura 4:** Já no filme, como uma adolescente.

## 4 CONCLUSÃO

Com a análise das respostas fornecidas pelos questionários, foi possível perceber que, na tradução, especialmente na intersemiótica, o “adaptador” é visto pelos

interrogados como alguém que deturpou a mensagem original do texto-fonte por fazer mudanças, na maioria das vezes, necessárias devido à mudança do meio. Constatou-se, dessa forma, que a maioria das pessoas ainda acredita que as “boas” traduções são aquelas que se mantêm o mais fiel possível ao texto de partida, ignorando-se, assim, os aspectos, anteriormente elencados, a que uma tradução / adaptação deve se adequar.

Conclui-se, em suma, que toda tradução, independentemente do tipo, caracteriza-se, como disserta Gorovitz (2006), em uma nova obra e criação artística, uma nova leitura e atualização. Assim, a aplicação ou análise da fidelidade no texto-alvo não se faz mais válida, mas tal conhecimento ainda não faz parte do pensamento da maior parte da sociedade.

## REFERÊNCIAS

AMORIM, Lauro Maia. *Tradução e adaptação: encruzilhadas em Alice no País das Maravilhas, de Lewis Carroll, e Kim, de Rudyard Kipling*. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

CARROLL, Lewis. *Alice: edição comentada*. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2002.

DERRIDA, Jacques. *Torres de Babel*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

DINIZ, Thais Flores Nogueira. *Literatura e cinema: da semiótica à tradução cultural*. Ouro Preto: Editora UFOP, 1999.

ISER, Wolfgang. *O ato da leitura, volume 1*. Tradução de Johannes Krestschmer. São Paulo: Editora 34, 1996.

ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. Tradução de Johannes Krestschmer. São Paulo: Editora 34, 1999.

GOROVITZ, Sabine. *Os labirintos da tradução: a legendagem e a construção do imaginário*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2006.